

Eu sou o amor?

- *Sei felice?*

- *Felice non si dice perché è una parola che immalinconisce.*

Emma Recchi é uma bela e enigmática mulher. Estrangeira em uma aristocrática família italiana, integra o clã dos Recchi sem que sua presença seja particularmente notada. Silenciosa e imperturbável, cumpre diligentemente seu papel de esposa, mãe e *casalingha*. Dedicada, eficiente e atenta, mantém-se elegantemente discreta, à sombra.

Emma consente em ser apenas uma conta que compõe o colar das “mulheres Recchi” – assim as nomeia a sogra -, educadas e sóbrias, sem jamais perturbar a harmonia daquela dinastia de abastados industriais milaneses. Já não se recorda de seu nome, mas apenas de um diminutivo afetuoso pelo qual era chamada na infância – longínqua, perdida. *Emma* é o nome doméstico através do qual fora assimilada à sua nova família, os Recchi, por seu marido Tancredi. Esta Madame Bovary contemporânea, ao revés da personagem de Flaubert, se conforma ao seu destino.

Mãe amorosa e compreensiva de três jovens adultos, mantém com Edoardo uma ligação perturbadoramente íntima. É o único filho a quem ela se dirige no idioma russo, sua língua materna, como se fora uma espécie de língua privada, um dialeto amoroso – erótico? – em relação ao qual os demais se encontram excluídos. Formam um par quase incestuoso, esses doces bárbaros, ambos não inteiramente afeitos ao distinto ambiente daquela tradicional família de lombardos - esses italianos mais aparentados ao rigor de seus vizinhos suíços do que ao calor um tanto destemperado de seus irmãos mediterrâneos.

Certa noite, a *famiglia* Recchi se reúne em torno de seu patriarca, que pretende anunciar seu sucessor na condução da rentável empresa familiar. A reunião privada é perturbada pela súbita e imprevista presença de Antonio Biscaglia, amigo de Edoardo. O instante fugaz em que é apresentada ao futuro sócio do filho eleito abala a impassibilidade da serena Emma, trincando o solo pretensamente estável de sua previsível vida conjugal e familiar. O desejo, ao se anunciar – *Io sono l'amore* –, não pede licença.

Antes, arromba a porta sem aviso prévio. Subverte a ordem e, sem fazer concessões, ignora os códigos de boa conduta, atropela o bom-senso, transgredir a norma e desafia a lei. Tampouco é consoante aos ideais. Ao revés, pula a cerca e rouba o fruto proibido, sendo aquilo que não tem governo nem nunca terá – como reza o nosso cançãoeiro. Faz a terra tremer.

Escapando às convenções rigidamente estabelecidas pela classe social à qual pertence Emma se entrega àquele jovem homem um tanto tosco, mas decidido. Deitando por terra as

mechas de seu cabelo, reencontra na natureza quase selvagem da *campagna* a sua alma russa e, com ela, os prazeres sensoriais e a sexualidade há muito adormecida nas dobras de imaculados lençóis de cambraia. Como se, novamente, voltasse a ser uma mulher – este estranho ser a um só tempo suave e ingovernável.

As consequências do improvável encontro entre o singelo cozinheiro e a respeitável *signora* serão funestas. Há muito mais em jogo do que, à primeira vista, se poderia supor. Emma, Antonio e Edoardo formam um insuspeitado triângulo amoroso. Antonio ama Emma, que ama Edoardo - que por sua vez ama Antonio? Emma ama o filho em Antonio, apenas o seu duplo? A quadrilha se enreda em seu próprio *ritornello*.

Em meio a uma comemoração na casa dos Recchi, para a qual Antonio havia sido contratado como *cuoco* responsável pela elaboração do cardápio, é servida uma sopa cuja preparação havia sido a ele ensinada por Emma, uma antiga receita de sua família de origem. Este é o prato com o qual ela, outrora, costumava mimar o pequeno Edoardo, seu predileto.

Ao perceber a traição amorosa – quem é o traidor e quem o traído, nesse jogo de espelhos fatal? – Edoardo, enfurecido de ciúmes, se precipita, seguido por Emma, sob o olhar consternado daquela família sólida e contida. “Os russos”, justifica em um misto de ironia e condescendência o marido de Emma pela atitude intempestiva de mãe e filho, aludindo a uma espécie de natureza tão passional quanto inconveniente do povo eslavo.

A tragédia sobrevém. Emma, ferida de morte, agarra-se em brutal silêncio ao que restou da inocência perdida daquele filho tão amado, ele mesmo para sempre perdido. O preço a pagar pelo desejo é o exílio do bem, uma vez que sua injunção não é promessa de felicidade.

Emma, a estrangeira, duplamente exilada, abandona-se ao amor.